

GEÍSA GAIGER DE OLIVEIRA
GUSTAVO JAVIER ZANI NÚÑEZ
ORGANIZADORES

Des
ign
em
pes.
qui
sa. vol 4

GEÍSA GAIGER DE OLIVEIRA
GUSTAVO JAVIER ZANI NÚÑEZ
ORGANIZADORES

Des
ign
em
pes.
qui
sa. vol 4

Este livro é uma das publicações do Instituto de Inovação, Competitividade e Design (IICD) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (www.ufrgs.br/iicd).

© dos autores – 2021

Projeto gráfico: Melissa Pozatti

D457 Design em pesquisa: volume 4 [recurso eletrônico] / organizadores Geísa Gaiger de Oliveira [e] Gustavo Javier Zani Núñez. – Porto Alegre: Marcavisual, 2021.
720 p. ; digital

ISBN 978-65-89263-33-3

Este livro é uma publicação do Instituto de Inovação, Competitividade e Design (IICD) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (www.ufrgs.br/iicd)

1. Design. 2. Gestão do Design. 3. Gestão de Projetos. 4. Educação. 5. Sustentabilidade. 6. Desenvolvimento humano. 7. Saúde. 8. Bem-estar. 9. Tecnologia .10. Emoção. I. Oliveira, Geísa Gaiger de.. II. Núñez, Gustavo Javier Zani.

CDU 658.512.2

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)



Marcavisaual Editora - Conselho Editorial

www.marcavisaual.com.br

Airton Cattani – Presidente

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Adriane Borda Almeida da Silva

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas

Celso Carnos Scaletsky

UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Denise Barcellos Pinheiro Machado

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Marco Antônio Rotta Teixeira

UEM – Universidade Estadual de Maringá

Maria de Lourdes Zuquim

USP – Universidade de São Paulo

Capítulo 7

Leitura a dois: design para o bem-estar na leitura compartilhada por adultos

Thaís Cristina Martino Sehn, Gabriela Zubaran de Azevedo Pizzato,
José Luís Farinatti Aymone e Stan Ruecker

RESUMO

A experiência da leitura oral difere da silenciosa justamente por envolver a relação com o outro e não apenas a absorção do conteúdo do livro, ampliando os aspectos emocionais envolvidos. Este estudo tem como objetivo analisar os benefícios da leitura oral em dupla para o bem-estar de adultos. Por meio de um estudo exploratório com leitura compartilhada com três duplas de leitores adultos foi possível verificar que além da prática se manter atual; oferece uma possibilidade de entretenimento para adultos passarem mais tempo juntos e experienciem a literatura de uma forma diferente.

Palavras-chave: Design positivo, leitura em voz alta, dupla de adultos, bem-estar.

1 INTRODUÇÃO

O primeiro contato com o universo dos livros costuma acontecer na infância, quando um adulto lê para uma criança. Desse modo, a leitura é introduzida como um momento de interação, no qual uma pessoa lê e outra escuta e, durante esta atividade, podem surgir questionamentos, observações, conversas paralelas e, conseqüentemente, ocorre o fortalecimento da relação e do vínculo entre elas (PEIXOTO; LEAL, 2008; SONNENSCHNEIN; MUNS-TERMAN, 2002; HUNT, 2010). Todavia, após a passagem dos anos, a leitura deste outrora ouvinte, passa a ser associada a um ato individual e silencioso. Manguel (1997) relata que sua transição de “leitor-ouvinte” para “leitor silencioso” ocorreu por volta de 12 anos, quando foi convencido pelo diretor da escola de que aquilo era coisa de criança e, então, passou a ler sozinho. Desde o século XIX, o leitor adulto lê apenas com a movimentação dos olhos e não necessita da articulação vocal (CHARTIER, 1997; CERTEAU, 1998). Com essa mudança de hábito, perdeu-se uma forma

de ver o livro como um meio para a sociabilidade compartilhada, a qual era muito comum entre os séculos XVI e XVIII (CHARTIER, 1997; MCDOWELL, 2014).

Chartier (1997) destaca que a leitura oral possui uma dupla função, sendo que a mais conhecida delas é ler para quem não sabe ou não consegue decifrar o código da escrita – como crianças, analfabetos, pessoas com problemas de visão e, a outra, é seu aspecto social na intimidade familiar, na convivência mundana e erudita. Essa socialização da oralidade difere da leitura silenciosa feita em espaço público, pois mesmo que exista um compartilhamento de ambiente, a leitura é privada, cada leitor insere-se em um círculo invisível que o mantém isolado (CHARTIER, 1999); também se diferenciando do ato de ouvir um *audiobook*, pois mesmo se evidenciando neste a questão oral, a interação entre os atores – leitor e ouvinte – é perdida.

Durante a infância, período da vida ao qual a leitura em voz alta está mais associada, independente do hábito de leitura do adulto leitor, Peixoto e Leal (2008) evidenciam a que ocorre entre pais e filhos, destacando que esse momento de ler para o filho possui um alto nível de qualidade afetiva, tanto para o adulto quanto para o infante. Sonnenschein e Munsterman (2002) observam que esta qualidade afetiva da interação é a principal motivação para que crianças de 5 a 6 anos se interessem pelos livros. Peter Hunt (2010) enfatiza que estas, mesmo cercadas de mídias e estímulos diversos, reagem com entusiasmo a cada oportunidade de narração oral feita de modo presencial, transformando o momento de interação mútua durante a narração, em um dos aspectos mais importantes da história. Através desses autores é possível inferir que o livro infantil não é apenas um objeto para contar história, mas um mediador de um momento de carinho, dedicação e troca de afeto.

Martin (1993) escreveu sobre o experimento realizado com seu esposo, no qual eles liam livros um para o outro. Por meio dessa prática, o companheiro da autora, que havia lido apenas um volume até então, passou a ser um leitor ávido, compartilhando com ela essa atividade, ora exercendo o papel de leitor, ora de ouvinte. Além do fator afetivo agregado, tal qual é observado na

leitura infantil (PEIXOTO; LEAL, 2008; SONNENSCHNEIN; MUNSTERMAN, 2002). Martin (1993) também percebeu que ambos melhoraram seus desempenhos como leitores ao longo do tempo, aprimorando suas habilidades para apreender a história através da audição e aumentando seus vocabulários através dessa prática que, até a publicação de seu artigo, durou um período de três anos. A experiência da leitura oral difere da silenciosa justamente por envolver a relação com o outro e não apenas a absorção do conteúdo do livro, ampliando os aspectos emocionais envolvidos.

Este capítulo apresenta o estudo exploratório realizado na primeira etapa da tese “Leitura a dois: design de livro com foco no ouvinte adulto” (SEHN, 2021), abordado brevemente no capítulo “Leitura distribuída: design de um livro para ser lido a dois” (SEHN *et al.*, 2020) na edição anterior deste livro (Design em Pesquisa vol. 3, 2020). A base desta pesquisa se apoia no Design Positivo (DESMET; POHLMAYER, 2013; DESMET; HASSENZAHN, 2012), na qual a atividade da leitura oral entre adultos é proposta como uma forma de promover o florescimento humano do leitor/ouvinte. Neste capítulo se pretende abordar os aspectos dessa atividade relacionados com o bem-estar, ao se propor uma experiência de leitura diferente da silenciosa e individual, uma experiência de leitura compartilhada em voz alta, que proporciona uma forma de socialização entre pessoas que se querem bem. Assim, este estudo tem como objetivo analisar os benefícios da leitura oral em dupla para o bem-estar de adultos. Para validar essa prática foi proposto um estudo exploratório com três duplas de leitores, onde cada pessoa convidada para o experimento deveria escolher alguém para ler em conjunto e em voz alta o livro cedido pela pesquisadora.

2 A LEITURA ORAL COMO FORMA DE SOCIALIZAÇÃO A PARTIR DO LIVRO

No início da história da leitura, a oralização era um dos principais objetivos do texto escrito, já que era muito comum se efetivarem leituras públicas. (CHARTIER, 1997; MANGUEL, 1997; MCDOWELL, 2014). Sendo que, frequentemente ocorria a necessidade de se ler em voz alta para melhor compreensão do texto, já que a utilização do espaço entre as palavras foi implementada muito tem-

po depois, na Alta Idade Média (CHARTIER, 1997). Até esse período era mais fácil identificar cada palavra através da leitura em voz alta, ouvindo sua própria voz, para saber onde fazer as pausas e dar ênfases. A escrita em sua essência é uma representação visual da oralidade (CHARTIER, 1997).

Existem diferentes exemplos de leituras compartilhadas em voz alta: no século XIX, McDowell (2014) estudou casos que aparecem representados na própria literatura e fez menções sobre esta prática em trocas de correspondências entre amigos, ressaltando a leitura oral realizada na família e entre pessoas próximas, assim como os casais. A leitura coletiva de jornais e livros nas fábricas em Cuba e nos Estados Unidos foi citada por Manguel (1997) e Martin (1993). Através do estado da arte foi possível perceber que a leitura para crianças é a prática mais disseminada atualmente (SEHN, 2021). Neuman (1996) fez um experimento abrangendo pais com alta e baixa proficiência na leitura e avaliou que, da mesma forma que ocorria com os seus filhos, os pais também se satisfaziam e melhoravam seu repertório, ao exercer aquele papel de leitor.

Martin (1993) realizou um experimento de leitura compartilhada entre ela e seu marido, o qual passaram três anos lendo um para o outro. Nesse processo ela começou a perceber como era diferente a captação da história através dos diferentes sentidos – visão e audição – e como a relação entre ela e seu marido se tornou mais profunda, a partir das discussões decorrentes dessas leituras. Com base nos livros lidos, passaram a realizar atividades complementares à história, como, por exemplo, escolher os roteiros de viagens que eram cenários das narrativas, comprar postais desses lugares, fazer anotações sobre o que cada um deles tinha gostado mais, eleger um ranking sobre os melhores livros, e, conseqüentemente, melhoraram seu vocabulário. Outro detalhe apontado pela autora, é o fato de não gostarem de se desfazer do livro lido, por representar um objeto de memória daquela experiência (MARTIN, 1993).

Halbwachs (1990) mostra como nossas memórias são organizadas e percebidas através do coletivo, aliadas a um senso de pertencimento ou compartilhamento de momentos no mesmo

tempo e espaço. Este se refere a grandes acontecimentos, mas essa sensação de pertencimento também é válida para pequenos grupos que compartilham as mesmas vivências. “Quanto mais duas pessoas compartilharem experiências em comum e aprenderem uma sobre a outra, melhor e mais próxima será a empatia e compreensão entre elas” (BATTARBEE, 2004, p. 62, tradução nossa¹). Dijck (2007) e Norman (2008) apontam que objetos associados às memórias afetivas possuem um valor especial para os indivíduos. Esse ímpeto de guardar o livro como um *souvenir* da história ou situação que ele representa, não foi apontado apenas pelo casal do experimento de Martin (1993), mas também por outros autores (KAMHIEH *et al.*, 2011; MANGUEL, 1997; SEHN; FRAGOSO, 2015).

3 DESIGN POSITIVO E O BEM-ESTAR SUBJETIVO COLETIVO

O design positivo tem sua origem no alinhamento do design com a psicologia positiva, a qual se atém ao florescimento humano (*human flourishing*) (DESMET; POHLMAYER, 2013). Tanto para Seligman (2011), como para Huppert e So (2013), a definição de florescimento segue o mesmo espírito da teoria do bem-estar, ou seja, para florescer é necessário ter emoções positivas, engajamento, relacionamento, sentido de vida e realização (PERMA²). Dentro desse espectro, segundo Seligman (2011), a percepção da emoção positiva está relacionada ao subjetivo e situada no tempo presente, ou seja, durante um acontecimento a pessoa se sente bem, possuindo então a referida emoção positiva (vida agradável) e sentindo-se satisfeita com a vida. Já no engajamento, a recompensa não precisa estar no tempo presente, uma vez que no momento de sua realização a pessoa não necessariamente se sentirá feliz; ela poderá estar concentrada em algo que a faça permanecer indiferente, ou triste, ou feliz etc.; e, posteriormente, de modo subjetivo e retrospectivo, terá a percepção do engajamento e, com isso, se sentirá bem. O indicador dessa característica é quando o indivíduo não percebe que o tempo passou, pois estava totalmente absorvido por determinada tarefa.

¹ *The more two people have shared common experiences and learn about each other, the better and closer their empathic understanding of each other*

² A sigla é formada pelas iniciais das palavras em seu idioma original, o inglês: *Positive emotion, engagement, relationships, meaning, achievement*.

Para Seligman (2011), este engajamento está relacionado com o que o Csikszentmihalyi (2008) chama de estado de fluxo (*flow*).

Além da emoção positiva e do engajamento, para haver o florescimento se faz necessário que existam relacionamentos positivos entre as pessoas, pois o homem é um ser social, que busca relacionar-se com outros membros de um grupo; que este possa sentir-se pertencente e/ou servindo a algo que acredita ser maior do que a si próprio, o que corrobora para que possa dar sentido à sua vida; e, que esse indivíduo sinta-se realizado, tanto de modo momentâneo, como na expectativa de uma vida realizadora e realizada (SELIGMAN, 2011).

A partir dessa perspectiva da Psicologia Positiva, o Design Positivo (*Positive Design*) se desenvolveu como um conceito “guarda-chuva” (DESMET, POHLMAYER, 2013, p. 6) que abarca os estudos sobre os efeitos do design no bem-estar subjetivo das pessoas, tanto de forma individual, como coletivo. Esta abordagem teórico-metodológica é conduzida pela seguinte ~~tem como~~ questão norteadora: “como o design pode contribuir intencionalmente para a qualidade de vida das pessoas e o bem-estar subjetivo das mesmas?” (DESMET, POHLMAYER, 2013, p. 6).

O bem-estar subjetivo (*subjective well-being* ou *happiness*) é uma experiência de contentamento ou uma sensação positiva, combinada com a percepção de que a vida é boa, significativa e que vale a pena ser vivida (DESMET, POHLMAYER, 2013; LYUBOMIRSKY, 2007). Neste caso, a corrente do design positivo está mais associada aos valores subjetivos de qualidade de vida do que ao bem-estar objetivo. O bem-estar objetivo, por sua vez, está vinculado aos pré-requisitos universais, que se fazem necessários para que uma pessoa tenha autonomia na sociedade (como, por exemplo, alimentação e moradia adequada) e ambiente físico seguro (GOUGH, 1994).

Os projetos que se inserem nessa linha de Design Positivo devem respeitar três pilares: virtude, emoções positivas e significado pessoal. A virtude está ligada à moral e ao se fazer o que é considerado bom pela sociedade; as emoções positivas estão relacionadas a gratificações momentâneas; e, o significado pessoal relaciona-se com realizações particulares a médio e longo

prazo (DESMET, POHLMAYER, 2013). Ao realizar uma breve análise da atividade proposta para a prática desta pesquisa sob o prisma do Design Positivo, pode-se perceber que a leitura oral realizada com alguém de quem se gosta, por si só já respeita as três áreas englobadas pelo Design Positivo. A virtude é trabalhada através da absorção do conhecimento (SELIGMAN, 2010) e da dedicação à outra pessoa; o significado pessoal vai ser despertado através do engajamento na atividade e no fortalecimento do laço entre os companheiros de leitura; e o prazer será sentido (ou manifestado) por intermédio da própria leitura, de acordo com o livro escolhido e da interação com o outrem.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo de caráter qualitativo adota como base diretrizes de pesquisas (JACOBSE; POHLMAYER; BOESS, 2016; BATTARBEE, 2004) com foco no bem-estar subjetivo e que abordam experiências envolvendo mais de um usuário. A fim de alcançar o objetivo proposto, é realizado um experimento de leitura, com três duplas de leitores, onde cada adulto convidado para a participar deveria escolher alguém para ler em conjunto e em voz alta o livro cedido pela pesquisadora.

Os participantes tiveram a liberdade de escolha do local para a realização da leitura, da pessoa que os acompanharia no experimento e de como iriam se organizar para a realização dele (quem iria ler ou ouvir; o horário, ou dia da sessão). As diretrizes propostas foram: (i) que houvesse, no mínimo, quatro sessões de leitura; (ii) que a dupla tentasse se reunir uma vez por semana para o processo de leitura; (iii) que esta fosse realizada em voz alta e em dupla; e, (iv) que ocorresse em um prazo de dois meses para o término/ entrega do experimento, sem haver a necessidade de o livro ser lido até o final. Após a realização de cada uma dessas sessões, eles deveriam escrever um relato sobre como se processou a experiência de leitura realizada e como se sentiram perante ela. Ao término das quatro sessões, foi realizada uma entrevista com os participantes (uma dupla de cada vez), sendo que com uma delas foi realizada uma observação não-participante pela pesquisadora.

4.1 Seleção dos Participantes

A escolha dos leitores aconteceu por conveniência de localidade/localização e por conhecerem a autora responsável por esta etapa da pesquisa, no intuito de facilitar o encontro desta com os leitores para a entrevista presencial e levá-los a se sentirem mais confortáveis para falar sobre o experimento, por ser proposto por alguém que já conheciam, o que tornaria os dados coletados mais confiáveis. Cada pessoa convidada poderia escolher qualquer pessoa para participar do experimento junto com ela. Totalizaram-se, assim, três duplas e seis participantes: a dupla 1 (D1), composta por mãe e filha, nomeadas aqui de Aline e Joyce; a dupla 2 (D2), composta por marido e mulher, aqui chamados de Caio e Andressa e, por fim, a dupla 3 (D3), composta pelas irmãs com codinomes de Dora e Beatriz. Todos os participantes gostam de ler e leem com frequência. Nenhum deles foi remunerado, mas cada dupla foi presenteada pela pesquisadora, com o livro lido no experimento. Todos concordaram com os termos de consentimento livre e esclarecido propostos.

4.2 Escolha do livro para o experimento

Para a escolha do livro, fez-se uma parceria com a empresa TAG Experiências Literárias, através do contato com o editor Márcio Coelho. Este, com experiência de dez anos no mercado editorial, indicou para a realização do experimento o livro de contos “A câmara sangrenta e outras histórias”, de Angela Carter, distribuído pela empresa em março de 2017. A escolha se deu por ele acreditar que esse tipo de texto se adaptaria melhor à leitura oral, realizada em duplas. No site da empresa, o livro é apresentado como “uma dezena de contos fantásticos, inspirados em histórias antigas que sobreviveram ao longo dos séculos e já receberam inúmeras adaptações” (Taglivros). Outro fator que foi levado em consideração é o projeto gráfico do livro utilizado. O conjunto cedido para a pesquisa continha, além do próprio livro, um box, um marcador de página e uma revista versando sobre a história ali contida, sobre sua autora e a temática abordada. Todos os materiais de mesma identidade visual, com o livro, acabamentos especiais e um pôster dobrado e colado na folha de guarda. O design gráfico apresentado é primoroso e chama a atenção do

leitor. A seguir as Figuras 1, 2, 3 e 4 exibem algumas fotos da parte externa e interna do material entregue aos participantes.

Figura 1 - Material entregue aos participantes



Fonte: Acervo dos autores (2021).

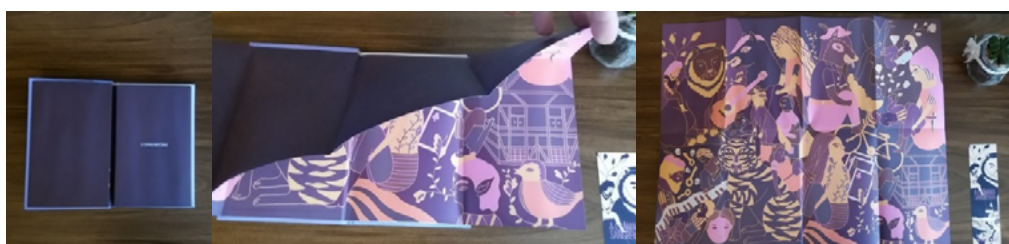
À esquerda, os materiais cedidos pela Tag – Experiências literárias (revista, marcador de página, box e livro); à direita, os materiais desenvolvidos para a pesquisa (instruções e o cartão a serem preenchidos pelos participantes).

Figura 2 - Miolo da revista que acompanha o livro



Fonte: Acervo dos autores (2021).

Figura 3 - Pôster que vem dobrado e colado nas folhas de guarda



Fonte: Acervo dos autores (2021).

Figura 4 - Miolo do livro impresso em tinta especial na cor roxa



Fonte: Acervo dos autores (2021).

4.3 Instrumentos para a coleta de dados

A coleta de dados com os leitores sobre o experimento proposto foi realizada por meio de três diferentes técnicas: (1) relato do leitor/ouvinte após a sessão (*self report*); (2) observação não-participante de, ao menos, uma das duplas; e, (3) entrevista com todos os participantes, o que possibilitou a realização de um cruzamento entre eles, como sugerem os autores Jacobse, Pohlmeier e Boess (2016) e Battarbee (2004).

4.4 Cartões

Para as pessoas fazerem o seu relato após cada sessão de leitura, foi desenvolvido e entregue um material para ser preenchido pelos participantes (Figura 5) e uma folha com as instruções para o caso do surgimento de dúvidas durante a sessão de leitura. As fichas estavam numeradas de acordo com o número da sessão correspondente e, assim, foram entregues seis cópias para cada participante, quatro numeradas e mais duas sobressalentes. O cabeçalho foi projetado para a identificação. Na parte central, ficaram posicionados os espaços para respostas mais subjetivas e abertas. Primeiramente, deveria ser apontado como o participante se sentiu com a leitura naquele dia e justificar, ao lado, de forma escrita, a sua resposta. Para indicar seu humor neste interím foi utilizada a ferramenta *Pick-a-mood* (PAM), desenvolvido por Desmet, Vastenbunrg e Romero (2016), onde próprio usuário reporta o seu estado emocional no momento da avaliação. A imagem sintetiza oito variações de humor que apontam uma gama de possibilidades positivas e negativas. Na Figura 6 é pos-

sível visualizar o sistema proposto pelos autores em seu artigo e a adaptação realizada para este experimento pelos autores.

Figura 5 - Imagem da ficha para relato da leitura preenchida

NOME: ALINE
 DATA: 17/10/18 LEITOR OUVINTE 1
 SESSÃO

COMO VOCÊ SE SENTIU COM A LEITURA HOJE?

POR QUÊ?

A ideia de participar deste projeto me deixou muito empolgada, e ter para a minha filha adolescente trouxe boas lembranças da infância dela.

ASPECTOS [+]

- O livro é virtualmente e facilmente agradável;
- O conto é ótimo!

ASPECTOS [-]

- Ter em voz alta é cansativo; não foi uma sessão longa.

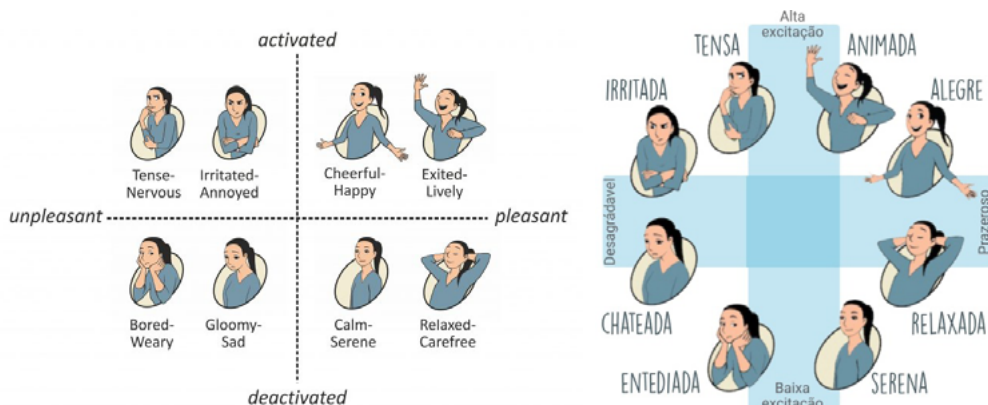
ONDE FOI A LEITURA? SALA DE CASA
ex: casa / quarto / cama

QUANTOS CAPÍTULOS LERAM HOJE? 1/2
ex: 2 e 1/2

QUE HORAS A LEITURA INICIOU? 18:00 QUANTO TEMPO DUROU? 0:30
ex: 18:30 ex: 0:30 (30 min.)

Fonte: Acervo dos autores (2021).

Figura 6 - Adaptação da ferramenta Pick-a-Mood



Fonte: Adaptado a partir de Desmet, Vastenburg e Romero (2016).

Para se extraírem mais questões qualitativas, foram inseridos abaixo do PAM dois espaços para escrita dos aspectos positivos e negativos da experiência de leitura e, por fim, foram requisitados mais alguns dados pontuais sobre o contexto da sessão de leitura: o local selecionado (indicando inclusive o cômodo utilizado), o horário de início e término da sessão e o número de capítulos lidos no dia.

4.5 Observação não-participante

Foi realizada uma observação não-participante (MARCONI; LAKATOS, 2003) com a Dupla 1 (selecionada por conveniência) durante a quarta sessão, para analisar a forma como foi conduzida a leitura e as expressões faciais realizadas pelos leitores, a fim de complementar as informações que seriam lidas posteriormente nos relatos.

4.6 Entrevista

Após as quatro sessões foram realizadas entrevistas com roteiro semiestruturado (MARCONI; LAKATOS, 2003) com todas as duplas, conversando-se com os dois participantes ao mesmo tempo, sobre a experiência vivenciada. Desse modo foi possível cruzar as informações orais com as das fichas, complementando uma forma de coleta com a outra. As entrevistas foram realizadas em março de 2018, na cidade de Pelotas, RS.

4.7 Análise dos dados

Para analisar os dados colhidos nos cartões e na entrevista, foi realizada uma análise temática (GOMES, 2009), ou seja, o material foi analisado e organizado a partir dos temas que surgiram da observação do conteúdo e do seu cruzamento com a bibliografia pesquisada. Neste capítulo são abordados os temas: *A leitura em dupla e a interação*; *Sobre ter um momento “nosso”*; e, *A leitura em dupla frente à individual*.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante a observação não-participante da D1, foi possível perceber que elas conversavam muito sobre o conto que liam, principalmente após o término dele, havendo intercorrências al-

gumas vezes durante sua leitura, quando a interrompiam para fazer referências com outros elementos da cultura que já eram de seu conhecimento (como, filmes, livros e personagens). Elas confirmaram que essa interação foi algo que aconteceu muito durante as práticas e que era uma das coisas que mais gostaram na leitura compartilhada, como aponta Aline: “O *modus operandi* é basicamente esse: a gente lê e vai conversando durante, e conversa depois também”. Joyce complementou afirmando que, inclusive, já haviam parado de ler para procurar o significado de uma palavra no Google. O mesmo ocorreu com a D2, composta pelo casal Caio e Andressa, ambos comentaram que o ponto mais positivo da experiência era a troca constante entre eles sobre a leitura. Para a D2 o diferencial da leitura coletiva foi justamente a possibilidade de “comentar detalhe por detalhe” (Caio). Em ambas as duplas foi comentado que esse comportamento já era presente no relacionamento deles em outras atividades e com a leitura não foi diferente. Como comenta Andressa, da D2: “é do nosso hábito, a gente sempre foi bem dinâmico” (Andressa). Para Aline e Joyce (D1) essa “normalidade” apareceu a partir da segunda sessão. Elas perceberam que, na primeira, elas não interagiram tanto, sendo a leitura mais contínua, sem muitos comentários, mas, na segunda, elas já começaram a conversar mais e desfrutar do momento e, a cada sessão, estavam mais à vontade com a prática. Do mesmo modo que com a D2, foi ressaltado que já existia uma conexão entre elas antes dessa prática, que acabaram agindo como elas sempre agem fazendo outras coisas juntas. Nesse sentido, elas perceberam essa atividade como mais uma coisa para fazerem juntas: “É uma coisa diferente para fazer” (Aline). Além disso, foi uma prática resgatada por ambas as duplas, pois a Aline lia para a Joyce quando ela era criança e o Caio e a Andressa tinham esse costume de ler um para o outro no início do relacionamento, como esta comentou na entrevista: “É uma experiência que nós já tínhamos... anterior a essa tua proposta, nós já fazíamos... por um gosto de ler um pro outro e manter essa interação... de ser parceiro também na leitura”(Andressa). Contudo as duas duplas acabaram abandonando essa prática com o tempo, por diferentes motivos.

Enquanto a D1 e a D2 relacionaram a experiência com a leitura

feita outrora para os filhos, a D3 se lembrou da época da escola, na qual sempre disputavam com as colegas para ver quem iria ler para a turma, pois era uma atividade da qual gostavam muito. No entanto, nessa experiência proposta o resultado não foi tão positivo, como comenta Dora: “Eu achei que fosse fluir mais, para ler. Mas eu [...] não tenho mais o hábito de ler em voz alta. Eu lembro que no colégio [...] era sempre uma briga para ver quem ia ler em voz alta [pois todos queriam ler]” (Dora).

No caso da D1 e D3 a nostalgia apareceu como uma emoção positiva para as duplas, mesmo se relacionando a situações diferentes, a leitura de mãe para filha e a realizada na sala de aula. No caso da D2, mesmo tendo sido citadas essas lembranças de leitura entre eles e para os filhos, os comentários se ativeram mais aos benefícios da atividade e, principalmente, da interação entre eles a partir do livro, como foi observado também pela D1. A seguir, descreve-se um trecho da entrevista da D2, Caio e Andressa, que representa esse enriquecimento da leitura através dessa troca, no qual eles mostram que existe uma interação entre os três agentes: o leitor, o ouvinte e o livro, constatando que, se faltasse um desses elementos, a experiência seria outra:

Dentro do processo de leitura eu acho que torna mais rico [a leitura]. Esse compartilhamento [...] aproxima nós dois do objeto, do contexto, da autora. A gente discute as posturas e posições que ela toma dentro do conto (Andressa).

É uma interação de nós três, eu, o autor e ela. [...] Acho que a grande diferença é que às vezes tu comentas linha a linha. Não toda hora interrompe, até porque seria chato, mas quando tu tens vontade de esclarecer, tu fazes isso. [...] Aí enriquece, cria até outros textos no meio de tudo isso, o que é bem legal. (Caio)

Para eles (D2), a interpretação da obra é diferente quando é feita de modo individual ou em dupla, pois quando a pessoa lê sozinha e conversa sobre o livro, ela passa seu conteúdo filtrado por sua interpretação; já quando a leitura é em dupla, cada um absorve de modo individual a história e, ao conversar sobre esta, acaba trocando essas impressões em um nível de detalhe maior e permeado pelas emoções que vão surgindo de acordo com a narrativa. Para eles a compreensão do livro ficou melhor, como

mostra a fala de Andressa: “E eu acho que a compreensão até do texto em si é melhor, porque a gente consegue trocar ideia... Muitas coisas que eu não estava entendendo, ele me explicava e vice-versa...” (Andressa) que é complementada por Caio: “É porque tem alguns [contos] que te criam dúvidas, [...] e às vezes tu não entendes coisa do tempo, o que está acontecendo, ela [a autora] mistura épocas... [...] Às vezes cada um percebe uma parte e ajuda ao outro” (Caio).

Entretanto, esse comportamento não se repetiu na D3. Ao contrário das outras duplas que incorporaram o diálogo durante a leitura, a D3 optou por realizar essa conversa em outros horários fora da sessão de leitura. Elas comentaram que tiveram muitos problemas com concentração, que algumas vezes fizeram alguns comentários durante o ato de ler, mas que não era algo recorrente, justamente para não se dispersarem da história.

Com relação à postura na abordagem na atividade, foi percebida uma leveza maior na postura da D1 e D2 e uma seriedade maior na D3. Mesmo existindo um compromisso com a pesquisa acadêmica e uma data final para terminar as quatro sessões, as duplas 1 e 2 tinham menos medo de se distrair durante a leitura do que a D3. Para esta última, o receio da distração talvez se deva à experiência prévia de leitura oral pela qual passaram em sala de aula, quando então liam para um grupo maior de pessoas e onde a interrupção não seria adequada, pois poderia prejudicar o entendimento dos demais alunos da classe. Além disso, nos estabelecimentos de ensino existem implícitas normas de conduta mais sérias. Já a D1 tentou se distanciar dessa situação de vivência escolar, mantendo a leitura mais flexível e utilizando o diálogo paralelo à mesma, como uma forma de incluir o ouvinte numa experiência mais ativa:

A gente foi fazendo isso também de ir conversando durante a leitura, ir fazendo comentários e tal, isso também é um jeito de puxar o outro para dentro da experiência. E a Joyce sempre reagia também, ria, ou fazia alguma cara... isso é um jeito também da gente manter a conexão durante a experiência. Se ficasse só lendo e ela só ouvindo ia ser que nem aquelas aulas chatas com um professor falando e que não pede nenhum retorno (Aline).

Enquanto a dupla 1 e 2 gostou muito da atividade proposta, a D3 ficou frustrada com as dificuldades de concentração que enfrentaram. Os problemas foram tantos que elas preferiram terminar o livro individualmente, após as quatro sessões propostas para a pesquisa, através da leitura silenciosa.

As três duplas viram como ponto positivo a possibilidade de fortalecer o vínculo já existente entre seus pares, uma vez que puderam realizar uma atividade sem envolver outras pessoas, momento em que elas paravam totalmente o que estivessem fazendo para dedicar seu tempo exclusivamente ao outro e, conseqüentemente receber essa mesma atenção. Como comentou Joyce, da D1, que foi ouvinte na maioria das sessões: “É legal de ter alguém fazendo alguma coisa por ti...” (Joyce, 2016). A D1 ainda comentou sobre como foi interessante criar um ritual diferente das atividades que já realizam juntas.

Do mesmo modo, foi evidenciada pela D2, como ponto positivo, a atenção que tiveram que dedicar um ao outro, neste trabalho, o que vem em prol de um fortalecimento da relação entre eles: “É um momento da gente comentar e fazer alguma coisa juntos, porque no dia-a-dia, às vezes, a gente passa tão corrido... [...] Até pra gente trocar alguma coisa diferente do cotidiano” (Andressa).

Mesmo tendo dificuldades com a apreensão da história, a possibilidade de fazer uma atividade juntas, de ter uma experiência compartilhada exclusivamente por elas, foi algo de positivo que o experimento proporcionou, como é evidenciado no diálogo a seguir:

Trecho da entrevista da D3:

Beatriz: – Eu achei interessante também, apesar de uns probleminhas técnicos, foi interessante tu sentar e ter um momento de leitura, de uma ler para a outra. [...]

Dora: – Foi um momento nosso. [...] Que a gente tornou nosso, sem ninguém envolvido. [...] E envolvendo a leitura que é uma coisa que a gente tem em comum, que gosta bastante. Eu gostei da experiência, do projeto.

Dentro da perspectiva do Design e da Psicologia Positiva percebe-se que as características pessoais da D1 e da D2 foram potencializadas pela leitura em voz alta, contribuindo para seu

bem-estar e florescimento. Nos dois casos foi relatado que a dinâmica do relacionamento deles se repetia em outras atividades e conseguiam interagir a partir de uma atividade que dava prazer a ambos – a leitura. As duas duplas relataram a intenção de seguir com a prática após o experimento. Já no caso da D3, foi percebido uma frustração frente à expectativa que tinham para a leitura oral compartilhada, pois as irmãs tiveram dificuldades cognitivas para apreender o conteúdo através da leitura oral e audição, o que acabou interferindo negativamente na experiência. O empecilho cognitivo foi tão grande que preferiram seguir lendo o livro cedido de forma individual, todavia gostaram de realizar isso juntas e pretendiam testar novamente a leitura compartilhada em voz alta com um livro que ambas gostassem e que já tivessem lido uma vez.

A partir do estudo foi possível perceber que a leitura realizada na intimidade familiar, com menciona Chartier (1997) e Certeau (1998), ainda mantém seu aspecto social no cenário contemporâneo. A troca afetiva percebida nos estudos de Peixoto e Leal (2008) e Sonnenschein e Munsterman (2002) na leitura para crianças, ainda é visível entre os adultos, sendo também um dos principais motivadores para a atividade proposta. O que pôde ser percebido, analisando-se todas as duplas, foi que para a D1 a leitura oral foi vista como mais uma atividade para realizarem juntas; para a D2 era uma possibilidade de encontrar um tempo na rotina para dedicar ao outro e conversar sobre assuntos diferentes daqueles do dia a dia e; para a D3, mesmo com as dificuldades de apreensão, a dupla gostaria de tentar novamente com outro livro ou de um modo diferente para melhorar a compreensão e manter a experiência.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicologia e o design positivo têm como premissa potencializar as características latentes de cada indivíduo. Salienta-se que neste caso, a atividade foi direcionada para pessoas que já tinham prazer com a realização da leitura, que possuíam alguém próximo com quem gostariam de compartilhar esse momento, e, ainda, que imaginavam que essa pessoa também se sentiria satisfeita ao ler de forma conjunta. Foi perceptível que além des-

ses aspectos, alguns participantes gostaram do “jogo” de interpretação e entonação, ocorrido no momento em que estavam lendo, e outros aproveitaram mais quando exerciam o papel de ouvinte, destacando as características pessoais e subjetivas de cada um.

Outro resultado interessante foi a possibilidade de uma interpretação diferente da leitura silenciosa e individual. As duplas 1 e 2 mencionaram – tanto nos cartões como na entrevista – que a interação entre eles durante o ato de ler, com comentários e questionamentos, enriquecia a experiência e tornava a leitura uma atividade com três agentes: o leitor, o ouvinte e o livro, e que a ausência de qualquer um desses elementos já alteraria a experiência por completo.

Por fim, é válido lembrar que este estudo não propõe que a leitura individual seja deixada de lado e que se retorne ao tempo do *ruminatio* (CHARTIER, 1999). Os diferentes modos de ler podem coexistir na rotina de cada um, da mesma forma que a mesma pessoa pode se dedicar a textos com foco no estudo e aprendizagem, em um momento, e de lazer, em outro. O objetivo, aqui, foi propor uma nova velha atividade que pode fortalecer o vínculo entre pessoas que compartilham o mesmo gosto pelo mundo dos livros e da literatura, possibilitando o florescimento humano desses indivíduos.

REFERÊNCIAS

BATTARBEE, K.. Co-Experience. **Understanding user experiences in social interaction**. Helsinki: University of Art and Design Helsinki. 2004

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Ephraim Ferreira Alves (Trad.). 3a. ed. Petrópolis: Vozes, 1998

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

CHARTIER, Roger. **A Ordem dos Livros**. Lisboa: Vega, 1997.

CSIKSZENTMIHALYI, M. **Flow: The Psychology of Optimal Experience**. New York: Harper and Row, 2008.

DESMET P., HASSENZAHN M. (2012) Towards Happiness: Possibility-Driven Design. In: Zacarias M., de Oliveira J.V. (eds) **Human-Computer Interaction: The Agency Perspective**. Studies in Computational Intelligence, vol 396. Springer, Berlin, Heidelberg https://doi.org/10.1007/978-3-642-25691-2_1

DESMET, P. M. A.; POHLMAYER, A. E.. **Positive design: An introduction to design for subjective well-being**. International Journal of Design, 7(3), 5-19. 2013

DESMET, P. M. A.; VASTENBURG, M. H.; ROMERO, N.. Mood Measurement with Pick-A-Mood; Review of current methods and design of a pictorial self-report scale. In: **Journal of Design Research**, 14 (3), 241–279. 2016

DIJCK, José van. **Mediated memories in the digital age**. Standfort University Press: California, United States of America, 2007.

GOUGH, Ian. **Economic institutions and the satisfaction of human needs**. Journal of Economic Issues, 28 (1). pp. 25-66. 1994 . Disponível em: <http://eprints.lse.ac.uk/60819/> Acesso em 10 de Fev. 2018.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu, MINAYO, Maria Cecília de Souza(Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**, Petrópolis: Vozes. 2008

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

HUPPERT Felicia A., SO, Timothy T. (2013). **Flourishing across Europe**: application of a new conceptual framework for defining well-being. Soc. Indic. Res. 110, 837–861. 10.1007/s11205-011-9966-7

JACOBSE, Charlotte Laura Maria; POHLMAYER, Anna Elisabeth; BOESS, Stella. Still in its infancy: Design for co-wellbeing among diferente user groupsp. In: **Celebration & Contemplation**, 10th International Conference on Design & Emotion, Anais, Amsterdam, 2016, p. 211-221

KAMHIEH, Celine; HAMELI, Shaikha Al; HAMMADI, Ayesha Al; HAMMADI, Nada Al; NAWFAL, Iman; ZAABI, Athra Al; KHALFAN, Khulood. Becoming readers: our stories. In: **Education, Business and Society**: Contemporary Middle Eastern Issues, Vol. 4 Issue: 2, pp.114-119, 2011, <https://doi.org/10.1108/1753798111143846>

LYUBOMIRSKY, S. Happiness-Enhancing Strategies In: _____. **The How of Happiness: A New Approach tô Getting the Life You Want**. New York: Penguin Press, 2008. Disponível em: www.thehowofhappiness.com, acesso em 26 fev. 2018.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia da Letras, 1997.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTIN, Patricia. “Capture Silk”: Reading Aloud Together. In: **The English Journal**, Vol. 82, No. 8 (Dec., 1993), pp. 16-24. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/819581> Accessed: 04-09-2017 21:56 UTC

McDOWELL, Stacey. Reading Together. In: **Essays in Criticism** Vol. 64 No. 4, 2014. doi: 10.1093/escrit/cgu022

NEUMAN, Susan. Children Engaging in Storybook Reading: The Influence of Access to Print Resources, Opportunity, and Parental Interaction. In: **Early Childhood Research Quarterly**, 11, pp. 495-513, 1996.

NORMAN, Donald A.. **Design Emocional**: por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia-a-dia. Rio de Janeiro; Rocco, 2008.

PEIXOTO, Carla; LEAL, Teresa . Caracterização dos comportamentos interativos mãe-criança em situação de leitura conjunta. In: **Actas do 7.º Encontro Nacional (5.º Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração. 2008**. Braga: Universidade do Minho. Disponível em < http://magnetesrvk.no-ip.org/casadaleitura/portalebta/bo/documentos/ot_caracterizacao_dos_comportamentos_interactivos_b.pdf> Acesso em nov 2017.

SEHN, Thaís Cristina Martino; AYMONE, José Luís Farinatti; RUECKER, Stan. Leitura distribuída: design de um livro para ser lido a dois In: OLIVEIRA, G. G.; NUÑEZ, G. J. Z. **Design em pesquisa v.3**. Porto Alegre: Marcavizual, 2020b, p. 389-408. Disponível em: < <https://www.ufrgs.br/iicd/wp-content/uploads/2020/07/Design-em-pesquisa-v.3.pdf> > Acesso em 20 dez. 2020.

SEHN, Thais C. M.; FRAGOSO, Suely. The synergy between eBooks and printed books in Brazil In: **Online Information Review**, v. 39, n. 3. 2015.

SEHN, T. C. M., **Leitura a dois**: design de livro com foco no ouvinte adulto. 2021. 445 f. Tese (Doutorado em Design) – Escola de Engenharia / Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

SELIGMAN, Martin E. P.. **Felicidade autêntica**: Usando a Nova Psicologia Positiva para a realização permanente. Tradução de Neuza Capelo. 2010. [eBook Kindle]

SELIGMAN, Martin E. P.. **Florescer**. Fontanar: 2011. [eBook Kindle]

SONNENSCHNEIN, S., MUNSTERMAN, K.. The influence of home-based reading interactions on 5-year-olds' reading motivations and early literacy development . In: **Early Childhood Research Quarterly**, vol 17. pp 318–337. 2002 Disponível em < https://www.researchgate.net/publication/222672661_The_influence_of_home-based_reading_interactions_on_5-year-olds'_reading_motivations_and_early_literacy_development> Acesso em 5 Dez 2017.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do RS (Fapergs) e à Comissão da Fulbright.

Como citar este capítulo (ABNT):

SEHN, T. C. M., PIZZATO, G. Z. A., AYMONE, J. L. F., RUECKER, S. Leitura a dois: design para o bem-estar na leitura compartilhada por adultos In: OLIVEIRA, G. G. de; NUÑEZ, G. J. Z. **Design em Pesquisa – Volume 4**. Porto Alegre: Marcavizual, 2021. cap. 7, p. 126-145. E-book. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/iicd/publicacoes/livros>. Acesso em: 5 ago. 2021 (exemplo).

Como citar este capítulo (Chicago):

Sehn, Thaís Cristina Martino, Gabriela Zubaran de Azevedo Pizzato, Jose Luis Farinatti Aymone e Stan Ruecker. 2021. "Leitura a dois: design para o bem-estar na leitura compartilhada por adultos" In Design em Pesquisa - Volume 4, edited by Geísa Gaiger de Oliveira and Gustavo Javier Zani Núñez, 126-145. Porto Alegre: Marcavizual. <https://www.ufrgs.br/iicd/publicacoes/livros>.